

## 6 Considerações finais

Por tudo o que vimos, creio que temos elementos suficientes para dizer que o sentimento estético do sublime, apesar de sua “especificidade”, “autonomia” e “diferença” com relação ao ajuizamento moral, desempenha, ainda assim, um papel que atende a um **fim prático-moral**, sendo não apenas “análogo” ao sentimento moral, pois contribui para a moralidade por meio da predisposição do ânimo (ainda que não o determine) à receptividade às ideias da razão, e, por conseguinte, à realização dos fins da mesma. Esses fins consistem naquilo que é mais elevado em nossa natureza de seres racionais: a moralização de nossos sentimentos e atos, nossa “vocação” à liberdade e à moralidade.<sup>274</sup> Como observou Deleuze, “no sublime dinâmico, a destinação suprassensível das nossas faculdades aparece como *o pré-destino de um ser moral*. O sentido do sublime é engendrado em nós de tal maneira que ele prepara uma mais alta finalidade e nos prepara para o advento da lei moral”.<sup>275</sup>

O sublime nos leva a uma profunda reflexão sobre o que seja “absolutamente grande” em nossas vidas. Como bem salientou Zammito, “o sublime é uma experiência que provoca a autoconsciência por meio da reflexão estética”.<sup>276</sup> Kant nos indica que o “absolutamente grande”, numa palavra, o sublime, é avivado em nós possibilitando uma reflexão acerca daquilo que somos, dos valores que elegemos na nossa vida e de nossa capacidade de resistir ao sofrimento, ainda que nos falte o amparo necessário. Nesse sentido, a reflexão que acompanha o sentimento do sublime, apesar de ser desinteressada, tem o seu fim. E é porque o sublime pode nos comover no mais profundo do nosso espírito, que essa reflexão nos faz sentir nosso fim mais excelso.

A experiência do sublime é da ordem de uma experiência espiritual que nos arremessa do sensível para o suprassensível. É o momento em que a imaginação, ao

---

<sup>274</sup> Sobre o interesse moral das ideias, vide §42 da *CFJ*.

<sup>275</sup> DELEUZE, Gilles. *A filosofia crítica de Kant*. Trad. Germiniano Franco. Lisboa- Portugal: Edições 70, 2009, p. 59.

<sup>276</sup> ZAMMITO. Para esse autor, “uma avaliação correta do papel da “Analítica do sublime” na terceira *Crítica* precisa encontrar a sua função não simplesmente ao concluir a articulação arquitetônica de juízos estéticos, mas muito mais ao demonstrar a relação entre a experiência estética, em geral, e a natureza última do eu”. ZAMMITO, J.H. *The Genesis of Kant’s Critique of Judgment*. London: The University of Chicago Press, Ltd., 1992, p. 278.

sentir que o seu limite, toca “o limite” entre o sensível e o suprassensível e é tocada pelas ideias da razão. A ideia do sublime que nos toca no momento de uma manifestação grandiosa da natureza é a expressão negativa daquelas ideias incondicionadas da razão que são avivadas no ânimo em virtude da impossibilidade do sensível em comportar uma ideia suprassensível.

É uma lei para imaginação a busca por uma compreensão do “todo” na aparente grandiosidade que se manifesta sensivelmente. Seu fracasso convoca a razão que vem em seu socorro e que, nesse momento, está a se debater com um adversário aparentemente invencível (a manifestação grandiosa ou potente da natureza). É nesse sentido que podemos dizer haver uma “íntima solidariedade” entre essas faculdades de modo que a imaginação, ao estender seus braços à razão, dá-se conta de que a sua liberdade não pode ultrapassar seus limites, mas apenas se completa na medida em que ela se entrega de bom grado às exigências daquela faculdade incondicionada na qual a autêntica liberdade se origina e tem sua morada: a razão.

A experiência do sublime, portanto, tem a ver com a busca pelo incondicionado, pela liberdade, que não pode ser encontrado de modo algum no âmbito da sensibilidade. O valor intrínseco da experiência estética, desse modo, é alcançado na medida em que essa experiência se direciona àquele fim último o qual a humanidade mesma é vocacionada: é chamada à moralidade. O que dá indícios de que a própria dimensão sensível (a imaginação), no seu “acordo discordante” com a razão, possibilita, por um lado, a partir do contraste e inadequação em apresentar as ideias da razão, a emergência de um prazer superior, provando, desse modo, que ela não está totalmente em contradição com aquelas exigências mesmas que ultrapassam o seu próprio domínio, enquanto sensível. Por outro lado, ao colaborar (ainda que no seu desacordo com a razão) com que o ânimo seja receptivo às ideias morais, o sublime não perde seu caráter de sentimento estético, bem como sua autonomia e especificidade, enquanto tais. Como afirmou Cassirer,

[...] nossas intuições somente são estéticas quando enfocam a autodeterminação de nossa capacidade espiritual, não por si mesmas, mas, por assim dizê-lo, através da intuição da natureza, quando refletem o ‘interior’ no ‘exterior’ e este naquele. Nesse mútuo reflexo do eu e do universo, do sentimento do eu e do sentimento da natureza,

reside para nós a essência da consideração estética em geral e, com ela, a essência daquela consideração que encontra sua expressão no conceito do sublime.<sup>277</sup>

É exatamente na aparente manifestação grandiosa e potente da natureza, que parece querer nos levar para além da própria natureza, que podemos situar a expressiva colaboração do sensível ao suprassensível. E, na interface dessas duas dimensões podemos vislumbrar uma consideração sentida além de toda a compreensão conceitual que, no entanto, move o espírito a sentir-se infinitamente superior àquilo que o ameaça, não a ele próprio considerado em si mesmo, mas antes àquela manifestação sensível fenomênica que partilhamos com a própria natureza sensível.

Podemos considerar que o sublime, na medida em que manifesta a relação entre o que se mostra como inapreensível, incompreensível, sem-forma, e o que podemos pensar (as ideias da razão), pode nos remeter a uma dimensão na qual reconhecemos a nossa destinação última **suprassensível**, àquilo que pode nos conferir um valor absoluto que é a nossa racionalidade, liberdade e moralidade.

O sublime, portanto, a partir do sentimento de desprazer e prazer pode ser considerado igualmente como o sentimento de **respeito por nossa própria humanidade**.

Kant dá a entender que existe uma íntima solidariedade entre o sentimento estético e a moralidade no ajuizamento do sublime, pois o ajuizamento estético, por levar a reflexão a partir do sensível ao suprassensível, desperta um sentimento de prazer, que pode ser considerado como um sentimento superior em função do qual aquilo que ele traz consigo ser o que nos liga ao suprassensível e esse, como é sabido, é o domínio da liberdade. Por isso, mesmo não sendo possível afirmar que o ajuizamento estético esteja fundado num interesse da razão, o que levaria a perda da sua autonomia, é possível afirmar que o ajuizamento estético, além de estar em perfeita sintonia e “solidariedade” com o sentimento moral, funda um interesse prático.

Infelizmente, em nossas vidas, nos deparamos com situações-limite que desafiam a nossa resistência e superação, tais como alguns tipos de doenças e até mesmo a morte. É nesse momento que paramos e refletimos acerca daquilo que pode conferir valor e dignidade à nossa existência, então nos perguntamos: “o que pode dar sentido à vida de uma pessoa?” Para Kant, jamais seria a soma do prazer das

---

<sup>277</sup> CASSIRER, Ernst. *Kant, vida y doctrina*. Trad. Wenceslao Roges. México: Fondo de Cultura Economica, 1948, p. 386.

inclinações, reunidas sob o nome de felicidade, pois que, “o valor da vida, medido pela soma deste [prazer], é inferior a zero”.<sup>278</sup>

Essa é a questão de fundo que conduziu a nossa reflexão sobre o sentimento do sublime. Antes de terminar, gostaria de lembrar que talvez possamos perceber um pouquinho de tudo isso, mas apresentado de um modo simples no filme intitulado *The Bucket List*, traduzido para o português como “Antes de partir”. Esse filme trata de uma experiência vivida no final da vida de dois homens, portadores de um câncer terminal, a qual muda completamente poucos meses antes de suas mortes. No leito do hospital, um deles lembra que, em seu primeiro ano de faculdade, seu professor de filosofia havia sugerido que os alunos fizessem um exercício de “pensamento prospectivo” o qual consistia em escrever uma lista de dez coisas que eles gostariam de fazer antes de morrer, dando a mesma o nome de “lista da bota”. Esse mesmo paciente resolve agora no leito do hospital reescrever a lista. Ele lembra um dos itens que escrevera naquela ocasião: “testemunhar algo verdadeiramente grandioso na natureza”; o que poderíamos pensar que, em termos kantianos, seria “o sublime”. Seu companheiro de quarto, um homem arrogante e insensível, ao ver a lista no chão enquanto o outro dormia, se propõe a reescrevê-la com alguns itens diversos e convida o seu colega a sair pelo mundo realizando-os. O primeiro dos itens, o mais importante da lista, referente ao “testemunho de algo grandioso” que o primeiro escrevera no seu leito e tanto quisera realizar com a escalada do Himalaia, infelizmente, devido ao mau tempo, não pode ser realizado. No entanto, se eles não conseguiram realizar o desejo de testemunhar algo realmente grandioso na natureza em vida, depois de mortos e cremados suas cinzas foram levadas ao monte mais alto do Himalaia, o Everest; por outro lado, eles puderam testemunhar, mesmo que no fim de suas vidas, algo que as mudou irreversivelmente: o respeito e a amizade que passaram a sentir um pelo outro. A essa experiência, devido àquilo que ela infundiu de grande nesses homens, pode-se chamar, verdadeiramente de sublime.

---

<sup>278</sup> KANT *apud* Cassirer. *Kant, vida y doctrina*. Trad. Wenceslao Roges. México: Fondo de Cultura Economica, 1948. p. 27.